



O hedonismo do **paladar**

A moça não é, como se dizia antigamente, de forno e fogão. A mãe nunca chegou a queimar sutiãs, sair em passeata e acender velas para Beth Friedan, mas abandonou os preceitos do *Jornal das Moças* para educar as três filhas: nada de bordados, chuleios e aulas de piano; nada de cozinha, muito menos de etiqueta para agradar marido.

Novinha, naquele início da década de 1970, a moça aprendia a ser independente. Era o rompimento com toda uma tradição conservadora — bom, nem tanto assim: a convicção católica reza que a mulher deve obediência ao marido; tudo deve ser como era na Galileia.

Tirante esse detalhe, a moça seguiu a vida com a bandeira da liberdade hasteada pela mãe, com a calada aquiescência paterna. Ultimamente, viu-se perdida. Havia sido alijada de uma sociedade hedonista; e a parte mais visível dessa festa diz respeito ao paladar.

Há uma farra de Baco ao nosso redor. Enólogos se multiplicaram como moscas, assim como os harmonizadores de sabores; as receitas ousam ao limite, carnes ganharam novas gradações de cozimento, as sobremesas têm status de prato principal.

E basta ligar a televisão para assistir a um programa culinário. Nada de novo: a Edna Savaget fazia isso ainda no tempo do rádio valvulado, passou pela Palmirinha, a Ana Maria Braga continuou a toada e, desconfio, com mesmo figurino.

Mas, hoje, há uma variedade indigesta: competições em que chefs são humilhados ao nível de um recruta do Bope, programa com um sujeito que come qualquer nojeira, outro de receitas impossíveis (não há ingredientes a disposição) e até especializados em doce.

Esses programas criam a falsa ilusão de que cozinhar é para todos. E aí de nós, cobaias. Consumidores diários de semancol não vão na onda, mas são levados de jacaré por amigos que acreditam que são chefs diplomados pelo único fato de não terem perdido um episódio de *The Taste*, da *Cozinha caseira da Annabel* ou de *Receitas do Chuck*.

A moça em questão não gosta de programas de culinária, mas não é de ficar por



fora. Quando vai ao restaurante, fica calada, espera as manifestações alheias, observa as reações aos primeiros goles do vinho e se diverte com as considerações. Ela sabe que a maioria das pessoas ali está fingindo, fazendo pose. Mas acabou fisgada.

E pensou: eu também posso. Resolveu fazer um risoto. Comprou arroz carnaroli importado, escolheu um salsão tenro para o molho e camarões médios rosados para compor o prato. Tudo de qualidade superior, como tinha ouvido na TV.

Pôs avental, picou os ingredientes, acendeu o fogão e começou a função.

O cheiro era convidativo. O prato ficou pronto rapidamente; foi servido com queijo picorino ralado por cima e um fio de azeite para levantar o sabor. Tudo conforme o moço falou. Ela pôs o risoto na boca e fechou os olhos para reforçar o sentido do paladar. Engoliu. Deu outra garfada. De soslaio, mirou o companheiro de mesa e vaticinou:

— Esse cozinheiro da TV é péssimo!